

Livro literário para crianças: uma análise pelo viés da educação estética

Literary book for children: an analysis from the perspective of the aesthetic education

Libro literario para niños: un análisis bajo la perspectiva de la educación estética

Isleide Steil¹

<https://orcid.org/0000-0002-1844-3307>

Daniela Odete de Oliveira²

<https://orcid.org/0000-0003-0983-8638>

Amanda Demétrio dos Santos Marynowski³

<https://orcid.org/0000-0002-6576-2116>

¹ Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina – Brasil. E-mail: isleide@univali.br.

² Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina – Brasil. E-mail: daniela.oliveira@univali.br.

³ Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina – Brasil. E-mail: amandademetriods@gmail.com.

Resumo

A partir da compreensão de que literatura é arte, este artigo tem por objetivo discutir como o livro infantil pode educar esteticamente. Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico que buscou compreender como os elementos presentes em um livro infantil possibilitam a educação estética do leitor. Por meio da análise da obra *Na ponta dos pés*, de Adair de Aguiar Neitzel e Maria Lindamir de Aguiar Barros (2021), discute-se como a estrutura física e poética do livro provoca e afeta o leitor e o educa esteticamente. Para a análise dos dados, utilizou-se de três categorias, que são: texto verbal, texto visual e projeto gráfico. Como aporte teórico das discussões acerca dos três elementos analisados, dialoga-se com diferentes autores, entre eles: Schiller (2017), que embasa o conceito de educação estética; Barthes (2004, 2013, 2015) e Eco (1997), que tratam sobre o texto verbal; Camargo (1995) e Coelho (2000a, 2000b), que abordam o texto visual; e Cabral (2020) e Moraes (2008), que colaboram com seus estudos acerca do projeto gráfico. Concluiu-se que o livro literário infantil educa esteticamente quando proporciona um encontro de relações sensíveis e inteligíveis que afetam o leitor, que modificam seu olhar, que despertam sentidos e reflexões vinculados com a vida.

Palavras-chave: Arte. Livro Infantil. Educação Estética.



Abstract

Based on the understanding that literature is art, this paper aims to discuss how children's books can educate aesthetically. This is a qualitative and bibliographical study that sought to comprehend how the elements present in a children's book enable the reader's aesthetic education. Through the analysis of the work Na ponta dos pés, by Adair de Aguiar Neitzel and Maria Lindamir de Aguiar Barros (2021), it is discussed how the physical and poetic structure of the book provoke and affect the reader and educate him/her aesthetically. The analysis of the data used three categories: verbal text, visual text and graphic design. As a theoretical contribution to the discussions about the three elements analyzed, a dialog was constructed with different authors, among them: Schiller (2017), who supports the concept of aesthetic education; Barthes (2004, 2013, 2015) and Eco (1997), who deal with the verbal text; Camargo (1995) and Coelho (2000a, 2000b), who address the visual text; and Cabral (2020) and Moraes (2008), who collaborate with their studies on graphic design. It was concluded that children's literary books educate aesthetically when they provide an encounter of sensitive and intelligible relationships that affect the reader, modify his/her gaze, awaken meanings and reflections linked to life.

Keywords: Art. Children's Book. Aesthetic Education.

Resumen

A partir de la comprensión de que literatura es arte, este artículo tiene por objetivo discutir cómo el libro infantil puede educar estéticamente. Se trata de un estudio cualitativo y bibliográfico que buscó comprender cómo los elementos presentes en un libro infantil (texto verbal, texto visual y proyecto gráfico) posibilitan la educación estética del lector. Por medio del análisis de la obra Na ponta dos pés, de Adair de Aguiar Neitzel y Maria Lindamir de Aguiar Barros (2021), se discute cómo las estructuras física y poética del libro provocan y afectan al lector y lo educan estéticamente. Para el análisis de los datos, se utilizaron tres categorías: texto verbal, texto visual y diseño gráfico. Como aporte teórico de las discusiones acerca de los tres elementos analizados, se dialoga con diferentes autores, entre ellos: Schiller (2017), que basa el concepto de educación estética; Barthes (2004, 2013, 2015) y Eco (1997), que tratan sobre el texto verbal; Camargo (1995) y Coelho (2000a, 2000b), que abordan el texto visual; y Cabral (2020) y Moraes (2008), que colaboran con sus estudios acerca del proyecto gráfico. Se concluyó que el libro literario infantil educa estéticamente cuando proporciona un encuentro de relaciones sensibles e inteligibles que afectan al lector, que modifican su mirada, que despiertan sentidos y reflexiones vinculados con la vida.

Palabras clave: Arte. Libro Infantil. Educación Estética.

1 Introdução: o livro como objeto estético e artístico

Venha me ver pulular

A mãe se espanta com suas peripécias no ar.

Adair de Aguiar Neitzel e Maria Lindamir de Aguiar Barros

A menina de Neitzel e Barros (2021), no livro *Na ponta dos pés*, deseja ser equilibrista, mas sua mãe quer que ela seja bailarina e se espanta com as suas peripécias, as quais demonstram o desejo da personagem de vir a ser artista. O livro possibilita-nos adentrar um caminho de possibilidades, de encantamento, de fruição no encontro com a literatura. Assim como a mãe percebe as diversas possibilidades de sua filha “vir a ser”, o texto literário também nos apresenta diferentes caminhos para embrenharmo-nos na obra, tornando-se uma porta de entrada para penetrarmos.

A leitura é um campo muito importante porque, por meio dela, a criança encontra diversas possibilidades de acessar a imaginação, a criatividade, o deleite, a arte (neste caso, a literatura) e de estabelecer outros modos de relação com o mundo. Isso justifica a importância da educação estética pela leitura do literário.

O livro é um objeto estético e artístico disponível na escola, mas, muitas vezes, escolarizado inadequadamente. A leitura “[...] é um processo que se inicia antes de a criança ingressar na escola, no meio social que a rodeia, mas que se consolida pela intervenção do professor, no cotidiano escolar” (Francioli; Copetti, 2021, p. 3). Entendemos que um livro literário para crianças com qualidade estética é aquele que proporciona uma interação com o leitor, que estimula sua imaginação, sua criatividade, mas principalmente o instiga a viajar por um mundo de encantamentos com o texto, com as imagens, com o toque e os gestos corporais que pode provocar na criança. É um texto de fruição que se torna “[...] o lugar de uma perda, é a fenda, o corte, a deflação, o *fading* que se apodera do sujeito no imo da fruição” (Barthes, 2015, p. 12).

O livro literário pode educar esteticamente. Schiller (2017) nos leva a compreender que, pela educação estética, o homem pode desenvolver suas capacidades intelectuais e sensíveis. Segundo o autor, para o homem se educar esteticamente, é necessário passar por três estágios: o físico, o estético e o moral. O estado físico está vinculado à sensibilidade, à percepção do meio pelos sentidos; dessa forma, o homem sofre as determinações da natureza e estabelece leis apenas para sua sobrevivência. No estado estético, o homem se liberta dessas forças da natureza,

pois passa a contemplá-la e os impulsos involuntários se tornam voluntários. E no estado moral, ele reflete sobre o mundo, dado que deixa de ser individual, de olhar apenas para si, e constrói um olhar coletivo, de caráter social, pois passa a perceber e a refletir sobre o outro. Esse movimento, para Schiller (2017), é o de liberdade, de autonomia, assim o homem se torna um ser cultivado.

Pela literatura podemos educar nossos sentidos, ampliar nossas percepções. Com a criança, durante a leitura, podemos explorar as relações entre texto, corpo e brincadeiras, pois ela se constitui por meio de suas relações que acontecem, principalmente, pelo entretenimento. Uma boa literatura propicia a criança não apenas adentrar um mundo de imaginações, mas também estabelecer relações para além do seu cotidiano. A criança afetada pelo texto literário entra no estado de jogo, de acordo com Schiller (2017), e, ao jogar com a obra, ela mobiliza razão e sensibilidade, mobilização que se dá mediante a fruição.

Para Schiller (2017), é por meio do jogo que o homem desenvolve a educação estética, pois nesse estado ele potencializa suas capacidades intelectuais e sensíveis. Conforme o autor, é no estado de jogo que se faz a experiência estética, uma vez que é no jogo com o objeto artístico que o impulso lúdico se desenvolve. “O melhor de nós vem à tona quando provocado pelas experiências estéticas” (Cruz, 2015, p. 83).

A arte, nesse viés, é fundamental para o cultivo do ser humano, porque é no jogo instituído por ela que o impulso lúdico se desenvolve, e o ser humano pode alcançar o patamar de homem cultivado, que é o estado de homem livre que tem autonomia intelectual. As crianças jogam durante a leitura, percebem, sentem, interpretam, estabelecem relações com o espaço e com quem está próximo delas; assim, tornam-se seres mais perceptivos, críticos e autônomos.

Dessa forma, na relação com a arte, a qual se estabelece entre criança e obra, ela se desenvolve, pois o jogo contempla as duas naturezas, racional e sensível, tornando-se, portanto, um exercício para sua autonomia. No jogo, a criança consegue contemplar e refletir sem ser induzida apenas pela racionalidade ou pela sensibilidade, mas por ambas, o que provoca o impulso lúdico, responsável pela educação estética. Entendemos que a educação estética é o estado mobilizado no jogo com a obra de arte que contribui para o encontro de relações sensíveis e inteligíveis que afetam, modificam olhares, despertam sentidos e reflexões vinculados com a vida.

Assim sendo, este artigo parte do pressuposto de que a educação estética acontece na relação com a arte e que o livro de literatura, na qualidade de obra de arte, pode educar

esteticamente, estabelecer o estado de jogo e desenvolver as capacidades sensíveis e intelectuais do leitor. Dessa maneira, a literatura possibilita o homem a alcançar sua plenitude – estado que oportuniza que ele pense não apenas em si, mas nos seus pares –, por isso a importância do livro de literatura para as crianças. A relação com a obra não se dá apenas pelo inteligível, mas também pelo sensível, ao explorar o potencial estético e estésico do leitor quando ele é capaz de adentrar as fissuras da obra.

2 Percurso metodológico

Neste estudo, temos o objetivo de discutir como o livro infantil pode educar esteticamente. Ele se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, a qual, segundo Godoy (1995, p. 58), “[...] envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares, [...] pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos [...]”. Nesse contexto, buscamos compreender quais elementos apresentados em um livro infantil possibilitam a educação estética do leitor.

Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, pois busca analisar um material já publicado. Para Martins e Theóphilo (2009, p. 54), “uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congresso etc”. O material escolhido para realizarmos a análise dos dados foi o livro de literatura infantil *Na ponta dos pés*, de autoria de Adair de Aguiar Neitzel e Maria Lindamir de Aguiar Barros (2021), e ilustrado por Mariana de Aguiar Neitzel. Os critérios para a escolha desse livro deram-se pelo interesse das pesquisadoras em estudar autores da região do Vale do Itajaí e que escrevem para o público infantil.

Neste estudo, criamos três categorias para a análise do material escolhido, que são: texto verbal, texto visual e projeto gráfico.

No texto verbal, analisamos as figuras de linguagem, a poeticidade, a estrutura narrativa e o estado de jogo que o texto possibilita (Barthes, 2015). Na concepção barthesiana, o texto que provoca o leitor ao jogo é aquele que o convida a fazer deslocamentos, ruminar, reler o texto, em busca de dar significados à narrativa. “Com a poesia a imaginação coloca-se na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatá-lo ou inquietá-lo – sempre despertar – o ser adormecido nos seus automatismos” (Bachelard, 2008, p. 18).

No texto visual, observamos os elementos que qualificam ou não as visualidades (luz e sombra, textura, profundidade, contornos, entre outros) e como essas imagens dialogam com o texto escrito, quer dizer, se elas são referenciais que ilustram o texto verbal, se são metafóricas e potencializam a sua polissemia, se são lineares ou se ampliam as possibilidades de leitura.

No projeto gráfico, em cada página da obra, percebemos os paratextos, as cores, os tamanhos, as formas, a moldura, as dobraduras, os espaços em branco, a disposição das palavras, a ludicidade, a fim de discutirmos como essas características podem educar esteticamente o leitor.

3 Texto verbal: o jogo entre o visível e o invisível

Na obra *Na ponta dos pés* (Neitzel; Barros, 2021), entramos em contato com a temática do vir a ser, da construção da identidade do sujeito, das escolhas que ele deseja tomar para a sua vida. A narrativa é contada em terceira pessoa e apresenta duas personagens que não são nomeadas, mas que revelam possuir uma relação de mãe e filha. Uma mãe que, desde o início da vida da filha, ao vê-la na ponta dos pés, se pergunta o que a menina seria no futuro... Bailarina? Artista? Equilibrista?

A obra acompanha as “decisões” tomadas pela menina, que quer ser equilibrista, artista de circo... quer vir a ser. Em um jogo de intertextualidades, a mãe, por sua vez, investe no sonho de ver a filha bailarina, ao ler poemas para ela de Cecília Meireles, Sérgio Capparelli e Roseana Murray, os quais exploram a temática da dança. Além disso, podemos percebê-la como uma mediadora de textos literários, instigando a menina e o leitor a lê-los. Outro convite feito ao leitor é realizar a leitura da obra *Na ponta dos pés* em inglês, visto que a cada trecho em português há, em seguida, a sua tradução feita por Louise Potter (Figura 1).

Figura 1 - Texto em português e inglês de *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021, p. 4).

A menina, no decorrer da narrativa, revela-se uma criança que possui liberdade de fazer peripécias ao ar livre, aventurar-se em escaladas em árvores, realizar travessias em muros altos. Ao longo de suas brincadeiras, o leitor é convidado a perceber a contradição vivida pela menina a respeito das decisões que ela toma, um sentimento compartilhado por todos nós, humanos. As autoras deixam uma pista intertextual dessa condição em uma das páginas da obra, ao dizerem: “Ela vive a contradição como os gêmeos Pelegrino e Petrônio, personagens de Ziraldo: um querendo ser bailarino e outro rei de futebol” (Neitzel; Barros, 2021, p. 24-25). Aqui, mais uma vez, as autoras apresentam ao leitor uma outra obra literária, *Pelegrino e Petrônio*, de Ziraldo. Segundo Ramos e Marangoni (2016, p. 73), “[...] metáforas, comparações, repetições, entre outras figuras de linguagem, viabilizam a intenção de surpreender, a criação de imagens inusitadas, a criticidade, o jogo intertextual”.

Essa contradição vivenciada pela menina, materializada pelos elementos intertextuais e por outros recursos estéticos, provoca, segundo Barthes (2015), o jogo do leitor com a obra, o qual promove deslocamentos e a fruição. Barthes (2004, p. 24) anuncia que “[...] ler é fazer o nosso corpo trabalhar ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalhada das frases”. Nesse sentido, o leitor é convidado a posicionar-se perante a narrativa, fazer escolhas interpretativas e, no caso de *Na ponta dos pés*, também pensar acerca do seu devir.

“No faz de conta poético, a exploração das possibilidades, a invenção e a inversão têm lugar privilegiado” (Ramos; Marangoni, 2016, p. 79). Esse movimento é proporcionado pela narrativa quando o autor deixa perguntas a serem preenchidas pelo leitor, quando o autor subverte a língua, como diria Barthes (2013), a fim de que possa brincar com ela para suscitar outros significados para o texto. Isso porque, na obra literária, “[...] a língua não se esgota na mensagem que engendra” (Barthes, 2013, p. 14). Assim, configura-se como uma obra que se utiliza da técnica da sugestão, ou melhor, por meio das perguntas lançadas ao longo da narrativa, a personagem e o leitor são provocados a pensar no seu vir a ser.

Na ponta dos pés explora a intertextualidade a fim de ampliar a sua reversibilidade ao dialogar com outras obras, como os poemas de Cecília Meireles, Sérgio Capparelli, Roseane Murray, e com o livro *Peregrino e Petrônio*, de Ziraldo. A obra de Neitzel e Barros (2021) convida o leitor a adentrar seu texto, mas também a visitar outras obras.

A literatura, por ser uma produção cultural artística e estética, proporciona ao leitor uma relação diferente da que teria com uma notícia de jornal, por exemplo. A leitura do literário possibilita ao sujeito jogar com o texto, movimentar-se por meio de questionamentos, brincar com as palavras e, conseqüentemente, olhar para dentro de si em busca de encontrar caminhos para interpretar o texto, assim como em busca de ressignificar a sua própria vida. Nessa perspectiva, Francioli e Copetti (2021, p. 6) nos falam que “[...] a criança vai construindo motivos e cria para si sentido do conhecimento que vai adquirindo”.

Em *Na ponta dos pés*, um exemplo de como se brinca com a língua é quando a mãe lê para a sua filha os versos de um poema de Sérgio Capparelli que contém a palavra “néon”. A menina logo pergunta o que essa palavra significa, mas não é revelada a resposta, há um silêncio. Esse recurso da suspensão convida o próprio leitor a responder à questão. Além disso, percebemos que *Na ponta dos pés* se revela uma obra aberta, pois não fecha a interpretação, mas abre para perguntas, para possibilidades que dialogam com o repertório cultural, social e pessoal do leitor.

Segundo Eco (1997), obra aberta é aquela que carrega uma pluralidade de significados, é ambígua. O modelo de obra aberta propõe a estrutura de uma relação frutiva, na qual o fruidor joga com a narrativa, compõe a obra com o autor, preenche as lacunas deixadas ao longo do caminho. O autor oferece ao fruidor uma obra a acabar (Eco, 1997).

Quando chegamos no final da obra, que termina com a frase: “Os gestos da menina revelam o desejo de vir a ser... artista, bailarina, malabarista, equilibrista” (Neitzel; Barros,

2021, p. 26-27), não sabemos o que, de fato, a menina se tornou, pois todas essas possibilidades foram abertas e permitidas a ela. Logo, o leitor pode se questionar sobre o seu próprio movimento de vir a ser, sobre o que se tornou ao longo da vida, sobre como pode vir a ser a pessoa que deseja ser. Conforme Duarte Júnior (2012), a arte, e aqui nos referimos à literatura, possibilita ao leitor experimentar

[...] acontecimentos e experiências de vida de outras pessoas, de outras latitudes, de outras realidades, ou mesmo da minha e que me eram desconhecidas. Portanto, também a arte é capaz de nos abrir os olhos para maravilhas e espantos inusitados, a partir dos quais sempre se pode depois, evidentemente, refletir e elaborar conceitualmente (Duarte Júnior, 2012, p. 364).

Assim sendo, a literatura também é capaz de oportunizar a educação estética do sujeito, pois um texto com potência estética e artística nos “[...] convida a ingressar num novo mundo, a construir sentidos, a vivenciar uma experiência de leitura estética” (Ramos; Nunes, 2013, p. 261). Com a literatura podemos muito (Todorov, 2020); mais do que aumentar nosso repertório linguístico ou conhecer novas narrativas, durante a leitura do literário, temos a capacidade de nos afetarmos, uma vez que estamos falando de uma produção artística que envolve os nossos sentidos, mas também o nosso intelecto (Schiller, 2017).

4 Texto visual: um convite para a polissemia

A literatura infantil é um precioso suporte de texto e um potencial recurso artístico a ser apresentado para as crianças. Quando possui qualidade estética nos elementos que a constitui, por exemplo, na sua textualidade, na sua linguagem visual e no seu projeto gráfico, pode ser sensibilizadora na formação de um leitor crítico e sensível. É nesse sentido que Coelho (2000a) nos orienta que a literatura infantil contribui para a construção de um ser humano consciente de sua linguagem, capaz de manifestar e ampliar a sua criatividade e consciência crítica.

Como afirmamos anteriormente, reconhecemos o livro de literatura infantil como um potencial objeto artístico e estético. Um bom livro de arte para criança é aquele que insere o leitor no universo artístico, ao convidá-lo a apreciar a obra, presenteando-o com diversas possibilidades de interações permeadas pela imaginação e pela criatividade. Essas interações podem ocorrer por meio do texto escrito, visual, ou na relação entre ambos, pois “[...] palavra

e imagem produzem cada qual sua própria narrativa que ora se entrelaçam, ora se separaram. Assim, essas instâncias, cada uma com sua forma de arte, criam sentidos que se conectam e ampliam a visão do leitor sobre a história” (Munhoz, Ramos, 2023, p. 50).

É comum que, na literatura infantil, haja a articulação entre o texto escrito e o texto visual, ou seja, entre a escrita e a imagem. Esses textos, segundo Silva (2017, p. 135), podem dialogar e “[...] construir outros significados, que sugerem o próprio jogo polissêmico da leitura”. Para a autora, muitas vezes, esse jogo estabelece uma relação de repetição entre a imagem e o texto escrito, o que “[...] pode favorecer uma perspectiva pragmática e reducionista para a ilustração” (Silva, 2017, p. 136). Nesse sentido, acreditamos que os textos visuais dos livros infantis devam refinar e qualificar o olhar das crianças, ampliando suas possibilidades de leitura.

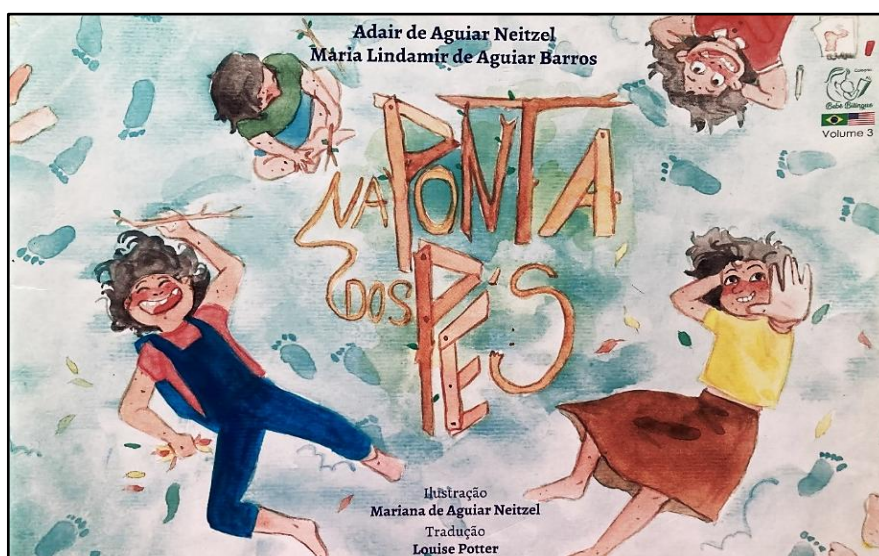
Para Coelho (2000b), o conhecimento infantil dá-se no contato da criança com os objetos, tanto na promoção do seu encontro com o imaginário literário quanto para o seu desenvolvimento psicológico. A autora ressalta a importância de apresentarmos livros de gravuras ou histórias em quadrinhos para as crianças, principalmente na pequena infância, pois a criança tem poucas experiências ou vivências acerca da decodificação da linguagem escrita, que, por sua vez, possui natureza simbólica e abstrata. Para Coelho (2000b), a imagem no livro infantil possui importante valor nos campos da Psicologia, da Pedagogia e da Estética, e destaca:

- Estimula o *olhar* como agente principal na estruturação do mundo interior da criança, em relação ao mundo exterior que ela está descobrindo.
- Estimula a *atenção visual* e o desenvolvimento da capacidade de percepção.
- Facilita a *comunicação* entre a criança e a situação proposta pela narrativa, pois lhe permite a percepção imediata e global do que vê.
- Concretiza relações abstratas* que, só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber; [...].
- Pela força que toca a sensibilidade da criança, permite que se fixem, de maneira significativa e durável, as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir. [...].
- Estimula e enriquece a imaginação infantil e ativa a potencialidade criadora [...]. (Coelho, 2000b, p. 197-198).

Por apresentar esses valores, o texto visual deve ser compreendido não somente como um elemento constitutivo do livro infantil, mas como um modificador e amplificador de sentidos de leitura (Coelho, 2000b). Ao analisarmos as imagens do livro *Na ponta dos pés*,

assinadas por Mariana de Aguiar Neitzel, buscamos pelo diálogo acerca dos valores que correspondem aos campos da Psicologia, da Pedagogia e da Estética apontados por Coelho (2000b). A primeira pergunta que fizemos foi: como o texto visual estimula o olhar da criança? Iniciamos a nossa reflexão pelas informações visuais da capa, que, de forma criativa, nos apresenta a criança, protagonista do livro, em diferentes movimentos e expressões (Figura 2). Nesse texto visual, sentimo-nos convidadas a adentrar a história, pois a relação da imagem com o texto verbal suscita curiosidade.

Figura 2 - Capa do livro *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021).

A narrativa da história começa com uma imagem de cores vibrantes que ocupa as duas páginas e mostra a menina de mãos dadas com alguém, o que nos leva a pensar que é sua mãe conduzindo-a pela vida, pois as mãos estão ampliadas e a garota está a olhar para cima como se contemplasse sua mãe.

A ilustradora utiliza em seu trabalho uma paleta de cores diversificadas, inclusive no que tange às diferentes pigmentações de cores da pele das suas personagens. Outro destaque é que os traços dos textos visuais não são lineares e/ou estáticos, visto que apuram o olhar do leitor quando o desafia a explorar as imagens que, em todas as páginas, sugerem movimento, diversidade e possibilidades de leitura e descobertas.

Logo após a folha de rosto, deparamo-nos com um texto visual ampliado (Figura 3) que ocupa duas laudas inteiras. O texto, repleto de detalhes e cores, traz alguns estímulos à atenção visual e ao desenvolvimento perceptivo da criança (Coelho, 2000b), quando a considera um leitor em potencial, capaz de desvendar, criar e estabelecer sentidos com o seu próprio repertório. Por esse caminho, vamos ao encontro de Coelho (2000b, p. 197-198) quando nos orienta que a imagem “[...] toca a sensibilidade da[s] criança[s], permite que fixem, de maneira significativa e durável, as sensações ou impressões que a leitura deve transmitir”.

Figura 3 – Texto visual de *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021, p. 2-3).

Luís Camargo (1995), em sua obra *Ilustração do livro infantil*, apresenta um capítulo que discute sobre o livro de imagem. O autor orienta sobre a necessidade de nos alfabetizarmos não somente para o conhecimento das letras, mas para a leitura das diversas linguagens, apresentadas em diferentes meios de comunicação.

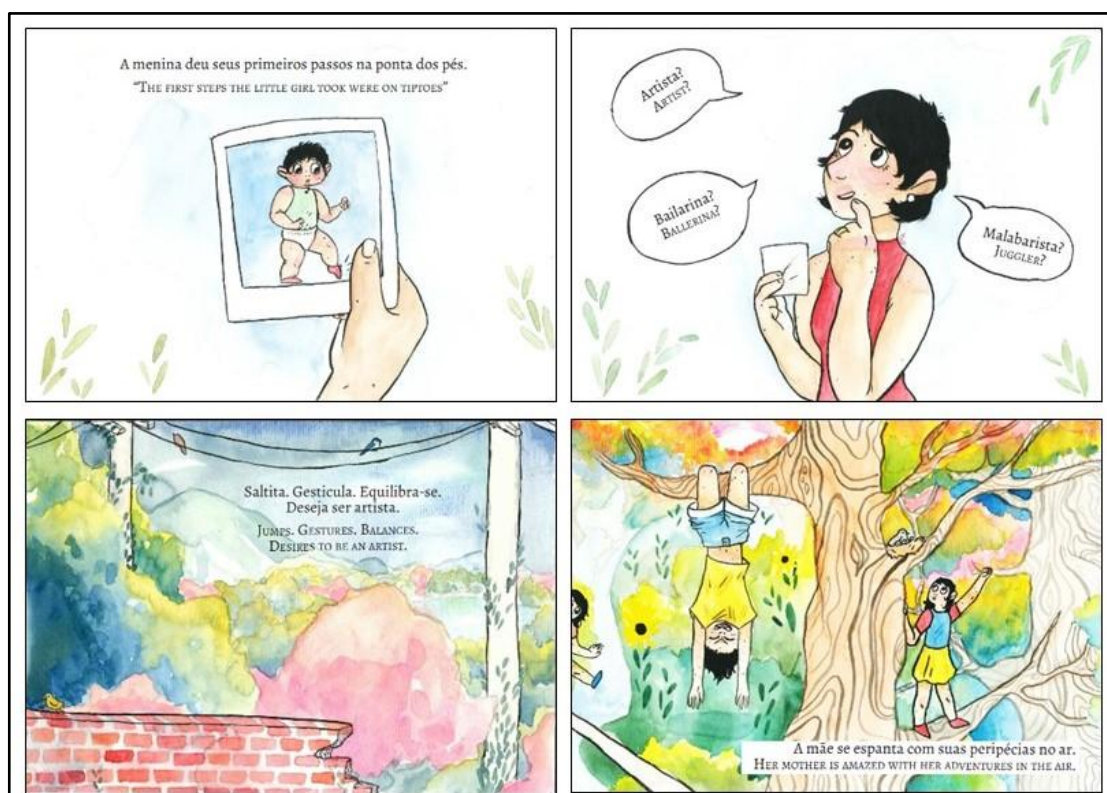
O livro de imagem não é um mero livrinho para crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de cada um e das perguntas que cada leitor faz às imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço. (Camargo, 1995, p. 79).

Camargo (1995), inspirado em Roman Jakobson, destaca as funções da imagem: representativa – refere-se à imitação da aparência do ser em evidência; descritiva – detalhamento dessa aparência; narrativa – posiciona o ser representado em devir, mediante transformações ou ações; simbólica – sugere significados aplicados ao seu referente; expressiva

– revela sentimentos, valores e emoções do ser; estética – enfatiza a sua configuração visual; lúdica – quando orientada para o jogo, inclui o humor como modalidade de jogo; conativa – por meio de procedimentos persuasivos ou normativos, visa influenciar o comportamento do leitor; metalinguística – refere-se à linguagem visual como citação de imagens etc.; fática – enfatiza o papel de seu próprio suporte; pontuação – orientada para o texto ao qual se insere, evidencia o início, fim ou partes, cria pausas ou destaca alguns de seus elementos.

Essas funções nos mostram que o texto visual exprime diferentes possibilidades de diálogo com o texto escrito, configurando leituras repletas de significados, como na obra *Na ponta dos pés*. Em algumas laudas, o texto verbal fica junto à imagem, dentro de balões ou imerso no próprio contexto imagético, o que possibilita ao leitor uma relação entre o que está escrito e o que está ilustrado. Para Camargo (1995), a leitura dos elementos visuais corresponde às possíveis abordagens do texto literário infantil. Na Figura 4, apresentamos alguns exemplos dessa relação entre o texto visual e o texto verbal.

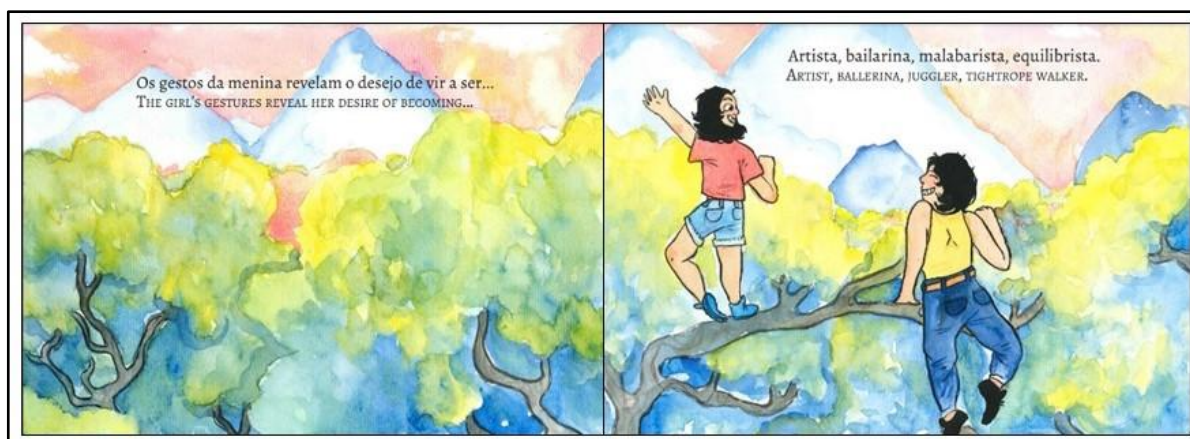
Figura 4 - Relação entre o texto visual e verbal em *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021, p. 4-5, 18, 21).

Ainda no que se refere às funções da imagem apontadas por Camargo (1995), observamos que o texto visual não se configura na função representativa, pois não se limita à imitação da aparência da personagem, mas se destaca pela sua função narrativa, em que posiciona a personagem em devir, por meio de suas transformações e ações, inclusive em diálogo com o texto verbal (Figura 5).

Figura 5 – Personagem em devir de *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021, p. 26-27).

Outro destaque que encontramos no texto visual é a sua função expressiva, que sugere a demonstração de sentimentos, valores e emoções do ser (Camargo, 1995). Na Figura 6, o sentimento de contradição representado pela menina, não somente no texto verbal, mas também no texto visual, indica seu descontentamento ao ouvir a afirmação da mãe de que ela seria bailarina. Isso significa que essa imagem revela sentimentos que são independentes do texto verbal.

Figura 6 – Personagem de *Na ponta dos pés*.



Fonte: Extraída de Neitzel e Barros (2021, p. 10).

A partir do olhar de Camargo (1995) sobre a função lúdica, quando o texto visual é orientado para o jogo e inclui o humor como modalidade de jogo, podemos afirmar que o leitor pode interagir com o livro, bem como explorar suas imagens que expressam e dialogam com diferentes sentimentos humanos, provocando-o a sentir e a pensar.

É importante salientarmos que, diante da obra de arte, ao apreciá-la, interagir e refletir sobre ela, o leitor joga. A obra o move e o provoca. Aqui, jogar tem o sentido de fruir. É nesse movimento de fruição que jogamos com a obra, e ela nos desafia ao equilíbrio entre o sensível e o inteligível (Schiller, 2017). Esse equilíbrio, que ocorre por meio da educação estética, contribui para a formação de um sujeito autônomo e humanizado, o qual se torna mais reflexivo e ativo no seu meio.

A presença de um texto visual de qualidade estética no livro infantil é fundamental para as crianças, uma vez que nem todas compreendem o texto verbal; com isso, fazem da leitura de imagem um importante ou o único meio de acesso à obra literária. Durante a análise de um livro, é importante considerarmos se o seu texto visual amplia as possibilidades de leitura ou se ele é apenas a representação linear do texto escrito. A imagem comunica; desse modo, é importante considerarmos como o texto visual desenvolve as suas diversas funções.

5 Projeto gráfico: investigando a materialidade do livro

De acordo com Moraes (2008), um livro se constitui pelo encontro de duas naturezas, uma de ordem material (corpo) e outra de ordem metafísica (alma). A primeira refere-se ao objeto físico que se apresenta a nós, já a segunda ao seu conteúdo, porém ambas dialogam entre si.

[...] o objeto chamado livro tem um corpo, isto é, forma, tamanho, cor, tato, cheiro (por que não?) etc., que é como ele se apresenta para nós, aos nossos sentidos. Mas ele também vai ser lido. Seu conteúdo, o qual chamei de alma, vai ser revelado à medida que percorremos seu texto, vemos suas imagens, passamos suas páginas, adentramos seu interior, sua atmosfera, os caminhos que ele nos propõe imaginar (Moraes, 2008, p. 49).

Um livro é um equilíbrio de poesia (Moraes, 2008), aqui compreendida como o texto verbal e visual, e os elementos necessários para produzir o objeto físico que resulta na obra literária. Nessa perspectiva, o texto literário infantil concretiza-se na elaboração do seu projeto gráfico, pois é a materialidade do texto poético. O projeto gráfico contempla componentes como capa, contracapa, orientação das páginas, cores, tamanhos, formas, molduras, dobraduras, espaços em branco, ludicidade e hipertextualidade.

Para Moraes (2008), o projeto gráfico conduz a nossa leitura, propõe um caminho a ser percorrido e proporciona um equilíbrio entre texto verbal e visual. “No passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma ideia de *ler*, isto é, uma ideia de um tempo para se olhar cada página, de um balanço entre texto escrito e a imagem, para que, juntos, componham e conduzam a narrativa” (Moraes, 2008, p. 50). Nesse caminho proposto pelo projeto gráfico, o leitor estabelece relações e tem a possibilidade de se estesia pela leitura do literário.

O livro *Na ponta dos pés* tem seu projeto gráfico assinado por Ana Clara de Souza e se apresenta no formato de paisagem (retangular horizontal), o que potencializa os textos visuais que representam ambientes naturais, assim como as várias expressões e as atividades realizadas pela personagem principal do livro.

A capa do livro apresenta uma menina em quatro situações de traquinagem e demonstra a alegria e a descontração de suas brincadeiras. Além disso, exibe pegadas que podem ser associadas ao título do livro, mas também aos caminhos que a personagem principal percorre na escolha de seu vir a ser. Ademais, o título, as quatro figuras que representam a personagem

e os nomes das autoras e da tradutora se apresentam em destaque com uma impressão gráfica diferenciada, com textura lisa e brilhante que sugerem uma suposta plastificação.

As cores vibrantes perpassam todo o livro, e, ao mesmo tempo que apresenta páginas totalmente ilustradas, também exhibe páginas com espaços em branco, o que dá destaque para os desenhos ampliados, para as expressões faciais da personagem principal e para a narrativa do texto.

Quanto à visualidade do texto escrito, foi utilizada a fonte *alegreya*, tamanho 25, com entrelinhas 25. O texto em português está disposto de forma a dialogar com o texto visual e é acompanhando logo abaixo pelo texto em inglês que aparece em letras maiúsculas. Essa disposição do escrito nas duas línguas chama atenção do leitor para a leitura em inglês. O papel utilizado é o sulfite – 120g, o que deixa o livro mais fino, leve e de fácil manuseio.

Na capa, no canto superior direito, há uma informação referente à coleção, na qual se nomeia “Bebê Bilingue”, e junto há uma pequena imagem de um adulto com uma criança bem pequena e um livro. Essa tríade parece sugerir uma mãe lendo uma história para seu filho, enquanto ele segura o livro. Isso pode indicar que o livro é indicado para os bebês, mas com a mediação direta de um adulto. Nessa acepção, destacamos a importância da mediação cultural do adulto para promover o encontro da criança com a arte; dessa maneira, são capazes de sensibilizar-se e ir ao encontro da educação estética. Martins e Picosque (2012, p. 25) anunciam que pela mediação cultura é possível “[...] promover um contato que deixe canais abertos para sensações, sentidos e sentimentos aguçados para imaginação e percepção, pois a linguagem da arte também fala [...]”. Ao promover o encontro da criança com o livro literário, com a arte, é possível nutri-la esteticamente e promover a sua estesia.

Cabral (2020, p. 11) aponta que “[...] o projeto gráfico-editorial/design, juntamente com as ilustrações, é capaz de abrir novas portas, tanto literários quanto existenciais, nos leitores, desencadeando o devir-criança”. A comunicação de um livro não se dá apenas pelas palavras, mas pelo seu conjunto estrutural. O leitor pode ser afetado mais pelo texto visual ou pela estrutura do livro do que pelo texto verbal, algo que é comum de acontecer com a criança, pois as cores, as texturas, os sons, as dobraduras estimulam os seus sentidos e a afetam. Logo, a criança pode adentrar o livro tanto pelo texto verbal como pelo texto visual, assim como pelo seu projeto gráfico.

6 Considerações finais

Neste artigo, discutimos como o livro infantil pode educar esteticamente. Para isso, realizamos a análise da obra literária *Na ponta dos pés*, de Adair de Aguiar Neitzel e Maria Lindamir de Aguiar Barros (2021). Levamos em consideração três categorias de análise: texto verbal, texto visual e projeto gráfico. A partir de uma metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica, buscamos aportes teóricos que dialogaram, em particular, acerca de cada categoria a fim de discutirmos a tríade em questão.

Consideramos que o texto verbal pode possibilitar que o sujeito adentre a obra pelo jogo, pelo movimento, pelo brincar com as palavras. Nesse sentido, a obra precisa ser aberta, plural e ambígua, como aponta Eco (1997), e possibilitar que o leitor se envolva com o texto por meio de suas fissuras. A narrativa textual dialoga com o leitor quando sugere perguntas a serem respondidas por ele mesmo, para que ele possa ressignificar o texto.

Vale ressaltar que a obra analisada, a todo momento, evidencia a intertextualidade ao provocar o diálogo com outras obras, como os poemas de alguns renomados poetas, entre eles Cecília Meireles, Sérgio Capparelli, Roseane Murray, e com o livro *Pelegrino e Petrônio*, de Ziraldo, conforme já mencionamos anteriormente. A obra de Neitzel e Barros (2021) possibilita a ampliação do repertório cultural do leitor. Seu texto verbal é potente e oportuniza a educação estética, pelo viés da arte literária.

Entendemos que o texto visual possibilita o refinamento do olhar das crianças para a leitura da obra. Por esse viés, as imagens apresentam-se como um modificador e potencializador de sentidos, trazendo diferentes possibilidades de diálogo entre o texto escrito e o texto visual. Na literatura infantil, muitas vezes, há um diálogo entre o texto escrito e o texto visual. A escrita e a imagem, segundo Silva (2017), corroboram para o diálogo, para a construção de sentidos e para o jogo polissêmico da leitura. Para ampliar as possibilidades de diálogo meramente linear, acreditamos que os textos visuais dos livros infantis, assim como evidenciamos na obra *Na ponta dos pés*, devam apurar e qualificar o olhar das crianças e, assim, contribuir para suas leituras de mundo.

Para Coelho (2000b) é importante apresentarmos às crianças da pequena infância livros de gravuras ou de histórias em quadrinhos, ao considerarmos que, em sua maioria, elas possuem poucas experiências acerca da decodificação da linguagem escrita, que, também, são de natureza simbólica e abstrata. Assim, é fundamental que as obras literárias infantis apresentem

às crianças um texto visual de qualidade estética, uma vez que nem todas compreendem o texto verbal, sendo a imagem uma importante fonte de leitura.

Como vimos anteriormente, o projeto gráfico refere-se à parte física da obra, assim contempla componentes como: material de edição, capa, contracapa, orientação das páginas, cores, tamanhos, formas, molduras etc. Podemos dizer que o projeto gráfico é a materialidade dos textos poéticos e proporciona um equilíbrio entre o texto escrito e as imagens. Para Moraes (2008), ele é o condutor da nossa leitura e propõe um caminho a ser percorrido. A comunicação de um livro acontece pelo seu conjunto estrutural, porque a criança pode adentrar o livro pelo texto verbal, pelo texto visual e pelo seu projeto gráfico.

Concluimos que o livro literário infantil educa esteticamente quando possibilita um encontro de relações sensíveis e inteligíveis que afetam, que modificam olhares, que despertam sentidos e reflexões vinculados com a vida. O livro de literatura é um artefato cultural que educa esteticamente quando promove o jogo, quando o leitor é provocado a entrar nele pelas suas porosidades, quando mobiliza razão e sensibilidade, quando se mostra como um enigma que instiga a leitura. Assim sendo, é importante observarmos a qualidade do texto verbal, do texto visual e do projeto gráfico, porque, quanto mais potentes forem esses elementos artísticos e estéticos, haverá mais possibilidade de o livro mobilizar o leitor no movimento de educação estética.

Referências

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CABRAL, B. R. **Infância que passa, infância que dura: o projeto gráfico-editorial na literatura infanto-juvenil**. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- COELHO, N. N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000a.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000b.

CRUZ, D. V. da N. Por que um aluno de medicina precisa de literatura? *In*: NEITZEL, A. de A.; CARVALHO, C.; BRIDON, J. (org.). **Cultura, escola e educação criadora**: formação estética e saberes sensíveis. Joinville: Univille; Itajaí: Univali, 2015. p. 76-86.

DUARTE JÚNIOR, J. F. [Entrevista cedida a] Carla Carvalho. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 12, n. 3, p. 362-367, set./dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v12n3.p362-367>. Acesso em: 10 set. 2024.

ECO, U. **Obra aberta**. Tradução: Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRANCIOLI, F. A. S.; COPETTI, L. M. C. Literatura infantil no processo de alfabetização: a experiência com os elementos do texto narrativo. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 31, n. 64, p. 1-17, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.v31.n.64.s14281>. Acesso em: 5 set. 2024.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia de investigação científica para ciências sociais aplicada**. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MORAES, O. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. *In*: OLIVEIRA, I. de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008. p. 49-59.

MUNHOZ, E. M. B.; RAMOS, F. B. Um voo entre imagem e palavra no livro ilustrado As cores do pássaro. **Revista a Cor das Letras**. Feira de Santana, v. 24, n. 1, p. 37-48, dez. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13102/cl.v24i1.9395>. Acesso em: 12 set. 2024.

NEITZEL, A. de A.; BARROS, M. L. de A. **Na ponta dos pés**. Ilustrações: Mariana de Aguiar Neitzel. Tradução: Louise Potter. Itajaí: Univali, 2021.

RAMOS, F. B.; MARANGONI, M. C. T. Ecos da poesia no leitor mirim. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 67-92, maio/ago. 2016.

RAMOS, F. B.; NUNES, M. F. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200015>. Acesso em: 2 set. 2024.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. 4. ed. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SILVA, M. T. A ilustração do livro infantil e a formação do professor: contribuições de um acervo. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 28, n. 2, p. 135-152,

maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i2.5072>. Acesso em: 2 set. 2024.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução: Caio Meira. 10. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.

Enviado em: 07/11/2023

Revisado em: 22/09/2024

Aprovado em: 24/09/2024